

**REPRESENTAÇÕES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NA IMPRENSA
PARAENSE; OS PRIMEIROS MESES DE CONFLITO (1914)**

Aline Luiza Fernandes Gomes¹

Universidade Federal do Pará

alineluiza.f@hotmail.com

Resumo: A Primeira Guerra Mundial (1914-1918), se desenvolveu na Europa, por uma série de fatores que ocasionaram disputas imperialistas entre as mais poderosas nações do século XX. Foi um conflito essencialmente europeu, mas acabou por envolver vários países do mundo, como por exemplo, o Brasil, e até mesmo, o espaço alvo deste trabalho, a cidade de Belém no estado do Pará. Esta cidade amazônica, mesmo sendo tão distante da Europa, acabou sentindo reflexos desse conflito. Meu objetivo é perceber de que forma a Guerra foi representada nas páginas dos jornais paraenses *Estado do Pará* e *Folha do Norte*, nos primeiros meses do conflito (1914), a partir do conceito de representações de Roger Chartier.

Palavras-Chave: Primeira Guerra Mundial, representações, jornais paraenses, Belém/PA

Considerações iniciais

Enquanto eles continuavam a escrever e a falar, víamos os hospitais e os moribundos; enquanto proclamavam que servir o Estado era o mais importante, já sabíamos que o pavor de morrer é mais forte. Nem por isto nos amotinamos, nem nos tornamos desertores, nem mesmo covardes – todas estas expressões vinham-lhes com muita facilidade. Amávamos nossa pátria tanto quanto eles e avançávamos corajosamente em cada ataque; mas, agora, já sabíamos distinguir, aprendemos repentinamente a ver; e, do mundo que haviam arquitetado, víamos que nada sobrevivera. De súbito, ficamos terrivelmente sós – e, sós, tínhamos de nos livrar de toda esta embrulhada.²

O trecho acima, foi retirado do livro *Nada de Novo no Front*, de Erich M. Remarque. Neste livro, publicado pela primeira vez em 1929, o autor, que conheceu as

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará – UFPA. Bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior.

² REMARQUE, Erich M. *Nada de novo no front*. – Porto Alegre [RS]: L&PM, 2018, p.15

trincheiras alemãs da Primeira Guerra Mundial, traz para seus leitores um relato ficcional emocionante da I Guerra Mundial, a partir das histórias narradas por jovens soldados. Ainda que Remarque tenha passado por esta experiência, inclusive tendo sido ferido em três ocasiões, saindo do conflito marcado e perplexo com a crueldade da guerra, escreveu *Nada de Novo No Front* em caráter de romance, firmando assim uma posição radicalmente pacifista em um mundo que ainda via a guerra como uma alternativa política, determinando o perfil antibelicista que habita a literatura ocidental até hoje.³

Conforme a epígrafe, a guerra era vista como uma alternativa política, no que diz respeito ao sentimento nacionalista que era difundido entre as civis e militares. Defender a pátria era acima de tudo, mostrar amor ao país. Sendo assim, motivo de orgulho para o próprio jovem que se alistava e também para as famílias, além de respeito ao Estado. Pelas páginas de *Nada de Novo no front* fica a impressão de que aqueles jovens soldados não estavam entrando em combate porque queriam matar e destruir territórios, mas defender suas nações e conseqüentemente seus entes queridos. Segundo (REMARQUE, 2018) acreditava-se que a guerra, que foi iniciada em julho de 1914, não duraria por muito tempo, e que em dezembro daquele mesmo ano, já estariam todos em suas casas, comemorando o natal com suas famílias. Mas como escreveu Erich M. Remarque:

As pessoas não tinham nenhuma ideia do que estava para vir. Os mais sensatos eram realmente os pobres, os simples: viram logo que a guerra era uma desgraça, enquanto as classes mais altas não se continham de alegria, embora fossem elas justamente que deveriam ter previsto mais depressa as suas conseqüências.⁴

A guerra, no entanto, durou, e em dezembro de 1914 os soldados ainda se encontravam em combate.

Para além do romance ficcional de Remarque, a I Guerra Mundial, foi um evento real, que atingiu muita gente. De fato, o final do século XIX e o início do século XX foram marcados por transformações que modificaram os padrões e o modo de vida de muitas populações. A Europa e o mundo são marcados pela Primeira Guerra Mundial,

³ Parágrafo escrito a partir do resumo do livro, encontrado na última capa.

⁴ REMARQUE, op.cit, p. 14

que de acordo (HOBBSAWM, 1995) “[...] assinalou o colapso da civilização (ocidental) do século XIX”.⁵

No contexto brasileiro, com a República, ainda se experimenta um ideário de progresso e civilização.⁶ No cenário paraense, tem-se o momento da crise da borracha⁷, no qual, a sociedade era bastante influenciada pelos padrões culturais do que ficou conhecido como a Bela Época Amazônica.⁸ No entanto, verifica-se ainda uma permanência da economia extrativista. Mantem-se igualmente “a busca por construir um Estado civilizado, que representasse o desenvolvimento e o progresso que a República pretendia edificar [...]”, que “[...]expressou-se no Pará de diversas formas”, como aponta (LACERDA, 2010); “[...] no embelezamento e na urbanização da capital paraense, nas preocupações com a higienização, a disciplina e o controle do espaço urbano [...]”.⁹

(ALMEIDA, 2017) considera o período anterior à Primeira Guerra Mundial, como tendo sido marcado por progressos e prosperidade para os continentes americano e europeu¹⁰. Contudo, houve a eclosão do conflito e a consequente busca por tecnologias que auxiliassem nas disputas. Assim, de acordo com o autor:

No Brasil, o conflito ocorreu num período marcado pela busca da sempre sonhada modernização e inserção do país no ritmo da sociedade industrial. É certo que houve avanços em termos da estrutura de transportes e portuária, ainda que a abrangência geográfica estivesse restrita às áreas que produziam para o mercado internacional. A urbanização e incipiente industrialização teve consequências importantes para a imprensa, que também conheceu avanços, marcados pela modernização do maquinário dos jornais e a difusão das

⁵ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 16

⁶ Sobre isso ver; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

⁷ A década de 1910, é marcada pelo início do declínio da economia da borracha na Amazônia. Este declínio abalou a economia da região, que até então era baseada em maior escala pela exportação desse produto. (CANCELA, 2011) aponta que com a crise, que foi gerada após o ano de 1910, “[...] o comércio dos produtos agrícolas e da extração de castanha asseguraram a renda da província, embora em menor escala do que a goma elástica garantia nos tempos de expansão”. A crise ocorreu por conta da diminuição das exportações de borracha, produto comercial mais importante para a economia daquele período. CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920)*. Belém: Açai, 2011 – “População e Cidade”, p.33

⁸ Sobre o Período da Belle-Époque ver: SARGES, Maria de Nazaré. *Riquezas produzindo a belle époque: (1870-1912)*. 3ª. Ed. Belém: Paka-Tatu, 2010. v. 1

⁹ LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: Faces da sobrevivência (1889-1916)*. Belém: Ed. Açai/Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/ Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010, p.17

¹⁰ ALMEIDA, C. R. M.. *A Grande Guerra (1914-1918) e os Boletins Semanais de Júlio Mesquita*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017, p. 4

imagens, sobretudo a partir da incorporação direta das fotografias aos periódicos. As notícias da Europa, trazidas pelos cabos submarinos desde o final dos oitocentos, possibilitaram a nossa inserção nos debates e projetos das elites tidas como modelos para o progresso nacional.¹¹

A cidade de Belém não ficou fora desse processo de modernização. Um exemplo disso é a própria imprensa. Os jornais, traziam diariamente, informações não só regionais, mas nacionais e internacionais. Assim, mesmo que não seja o foco da notícia abaixo, que tem um teor de crítica política, podemos perceber que houve uma reforma no jornal *Folha do Norte*.

O Jornal conservador proseguiu, hontem, na miserável campanha diffamatoria contra a FOLHA e o seu actual diretor, fazendo incursão na vida privada deste nosso colega, para concluir que a reforma por que acabamos de passar, os fraques e os brilhantes de que usa, as suas gravatas e os sapatos que calça foi tudo fabricado nas áreas do município ou do tesouro do Estado ...¹²

Meu objetivo, portanto, é demonstrar algumas representações dadas á I Guerra Mundial, nos primeiros meses de conflito, em 1914. As fontes utilizadas são os jornais¹³ paraenses, *Folha do Norte*¹⁴ e *Estado do Pará*¹⁵. Visando tal objetivo, utiliza-se o

¹¹ Ibidem, p.5

¹² Folha do Norte, Belém 11 de julho de 1914, p.1

¹³ O uso dos jornais como fonte é relativamente recente, (LUCCA, 2006) aponta que em 1970 o número de trabalhos que se valia dos jornais e revistas como fonte ainda era pequeno, para a autora isso era explicado pelo fato de que o peso da tradição dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX ainda pesava sobre um ideal de busca da verdade dos fatos. Desse modo, os jornais não se destacavam como uma fonte, e pareciam pouco adequados para a representação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano”, como define a autora, “[...] continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas”. No entanto, a autora segue mostrando que a prática historiográfica alterou-se de forma significativa nas décadas finais do século XX, sendo assim, novas abordagens, perspectivas, novos objetos e novos problemas foram aparecendo, assim como novos métodos e documentos. LUCCA, Tania Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos* In. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) Fontes Históricas, São Paulo: contexto, 2006, pp.111,112

¹⁴ O jornal *Folha do Norte* conforme o Catálogo de jornais da Biblioteca Pública do Pará era de “circulação diária, independente, noticioso, político e literário. Fundado por Enéas Martins, Cipriano Santos e outros”. Segundo informações do catálogo a *Folha do Norte* tinha por objetivo principal “lutar pelo desenvolvimento político e social da região combatendo a política de Antonio Lemos [...] e defendendo o Partido Republicano Federal chefiado por Lauro Sodré e depois por Paes de Carvalho”. Este periódico teve um longo período de vida, circulou na capital e no interior do Pará entre de 1896-1974. Cf. Biblioteca Pública do Pará. Jornais PARAoaras: Catálogo. – Belém: Secretaria de Estado e Cultura.1985, p.154

¹⁵ O jornal *O Estado do Pará*, também de acordo com o Catálogo de jornais da Biblioteca Pública do Pará, era “diário e independente”, fundado por Justo Chermont. Em seu ano inicial, conforme registrou-se nesse catálogo o jornal *O Estado do Pará* combateu a política do Intendente Antonio Lemos, apoiando seu adversário político, Lauro Sodré”.Cf. Biblioteca Pública do Pará. Jornais PARAoaras: Catálogo. – Belém: Secretaria de Estado e Cultura. 1985, p. 241.

conceito de representação para Roger Chartier, quando este diz que “as representações do mundo social [...], são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”¹⁶. Pode-se então compreender que o que se tornou notícia sobre a I Guerra nos jornais paraenses é resultado dos interesses dos articulistas e editores dos jornais. De fato, segundo (CHARTIER, 1990);

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.¹⁷

Representações

O corte cronológico ora escolhido se justifica pela necessidade de se entender os sentidos dados ao conflito nos seus primeiros momentos, quando não se sabia exatamente o “que estava por vir”, como poeticamente descreveu (REMARQUE, 2018). De outro lado, a proposta inicialmente aqui apresentada se desdobrará em um texto mais amplo no qual se investiga as representações da Guerra nos quatro anos de conflito. Mas, isto é assunto para um outro momento.

Era o ano de 1914, próximo aos festejos de São Pedro. Enquanto a população da cidade de Belém ainda se animava com as festas da quadra joanina, na Europa já se traçava os rumos do conflito que ficaria conhecido como a I Guerra Mundial. Em poucos dias, os leitores da Folha do Norte e do Estado do Pará, começariam a se deparar em suas páginas com as notícias do nascente conflito. Assim, conforme aconteceria com outros periódicos brasileiros a Primeira Guerra Mundial foi narrada desde sua eclosão, com o assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando e de sua esposa Sophie, princesa de Hohenberg, até as batalhas travadas nos *fronts*. Bombardeios e invasões eram abordadas nas páginas dos jornais, e assim seus leitores iam tomando conhecimento do conflito.

Possivelmente, “personagens” até então desconhecidos, começam a fazer parte do dia-a-dia de muitos leitores dos jornais paraenses. O arquiduque austríaco Francisco

¹⁶ CHARTIER, Roger. História Cultural – Entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990, p.17

¹⁷ Ibidem

Ferdinando e sua esposa Sophie, num tempo de poucas imagens ainda, talvez tenham despertado a imaginação das pessoas.

O assassinato do arquiduque é datado pelos jornais como acontecido em 28 de junho de 1914. Considerando-se as comunicações daquele contexto, vi que as informações só apareceram dois dias depois. A primeira notícia em ambos os jornais aparece no dia 30 de junho, sendo que na *Folha do Norte*, se encontra na página 3, e diz o seguinte:

Vienna, 29 Toda esta capital fremiu de dolorosa surpresa, pela manhã de hoje, com o assassinato bárbaro e odioso do archiduque Francisco Fernando, príncipe herdeiro do throno, e de sua esposa, a princesa Sophia.”¹⁸

Os leitores do *Estado do Pará* já desde a primeira página, com destaque, tomavam conhecimento da triste sina do arquiduque:

Dynastia infortunada – Mais uma vez de luto o throno austriaco – Mais um tremendo infortúnio acaba de cair sobre a atormentada vida de Francisco José I, imperador da Austria e rei da Hungria [...].¹⁹

Desde então, notícias sobre os acontecimentos na Europa, com relação às hostilidades e movimentações nos países, se fizeram presentes para os leitores paraenses. A terceira página da *Folha do Norte* possuía uma coluna intitulada *Serviço Telegraphico*. O *Estado do Pará*, tinha coluna semelhante que às vezes aparecia na página três e as vezes na quatro. Intitulada inicialmente *TELEGRAMMAS*, até o dia 23 de julho de 1914, e a partir do dia 24 de julho, até o dia 1 de agosto, *INFORMAÇÕES MUNDIAES*, já a partir do dia 2 de agosto, a coluna *INFORMAÇÕES MUNDIAES* deixa de aparecer e outra intitulada em alguns dias *VÁRIAS NOTÍCIAS TELEGRAPHICAS*, e em outros, *OS NOSSO TELEGRAMAS*, surge. Todas eram responsáveis por veicular informações tanto de outros estados do Brasil, em menor escala, quanto de vários países, principalmente dos europeus.

Julho

No dia primeiro de julho não apareceram notícias sobre as tensões nos países europeus. No dia seguinte, somente no jornal *Estado do Pará*, com o título “DYNASTIA

¹⁸ Folha do Norte, Belém 30 de junho de 1914, p.3

¹⁹ Estado do Pará, Belém 30 de junho de 1914, p.1

INFORTUNADA”, relatando “A tragédia de Sarajevo”²⁰. No mês de julho, as notícias, em ambos trataram basicamente do “attentado de Sarajevo”, das tensões entre os países e das medidas que eram tomadas por estes, que indicavam o início das hostilidades. Na *Folha do Norte*, tais notícias não apareceram em nenhum dia, na primeira página, já no *Estado do Pará*, apareciam tanto na página 1, como na 3, neste caso com mais frequência. O fato de este último jornal trazer notícias sobre a guerra já na primeira página, pode estar relacionado à obtenção de lucro, já que as notícias que são abordadas nas primeiras páginas dos jornais, são as que causam um maior impacto, desse modo, pode ser que o jornal estivesse encarando o evento que começava na Europa, como algo que iria trazer novidade aos leitores, que esperariam ansiosos pelo desenrolar do conflito.

Assim, foi possível ver que nesse mês, o caráter das notícias foi basicamente informativo, sendo a possível guerra, apresentada e representada de forma informativa aos leitores dos dois jornais.

Agosto

Em agosto, com a consolidação do conflito, as notícias passam a ser veiculadas nas primeiras páginas. Nos primeiros dias deste mês, ainda com um teor informativo, os preparativos dos países para o conflito são abordados, como é possível observar; “O conflito europeu – Noticias sobre o incidente austro-servio – Os preparativos das grandes potencias”²¹. Além disso, uma ênfase é dada à questão da neutralidade brasileira em relação ao apoio a um dos lados. É afirmado pelo *Estado do Pará*, que informações recentes sobre o conflito serão computadas e repassadas aos seus leitores, mas que isso será feito com máxima imparcialidade. Junto a isso, também foi dito que ainda não era possível fazer previsões de qual seria o lado vencedor, por conta dos imprevistos do momento.²²

Nos dias seguintes, no entanto, este teor meramente informativo, foi se modificando. É possível observar, a partir do dia 4, no jornal *Estado do Pará*, uma notícia sobre os efeitos da guerra no Brasil, à qual trata da supressão dos gêneros, apontados por este jornal, como sendo de primeira necessidade, que até aquele momento era feito, em

²⁰ Ibidem. *A tragedia de Sarajevo* é o subtítulo da notícia acima com o título *Dynastia Infortunada*. A tragédia, como é descrita pelo jornal, foi o assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando e de sua esposa Sophie, na cidade de Sarajevo, capital da Bósnia e Herzegovina.

²¹ Estado do Pará, Belém 1 de agosto de 1914, p.1

²² Estado do Pará, Belém 2 de agosto de 1914, p.1

grande parte, pelo continente europeu. E mesmo que esta notícia aponte que tal supressão não deveria ser motivo para alarme, já que outras partes do mundo poderiam realizar o fornecimento dos gêneros, percebe-se que nos dias seguintes, os preços de alguns produtos começaram a subir. A notícia dizia o seguinte:

A supressão do fornecimento de generos de primeira necessidade, até agora feito, em grande parte, pelo continente europeu ainda que fosse total não seria motivo para alarma.

Felizmente há outras partes do mundo habilitadas a suprirem os mercados. Nada impede que os mercados sejam fornecidos pela produção da America do Norte, das Republicas do Prata e do Pacifico e Australia. Estas regiões, por uma questão de latitude geographica, têm produção agrícola similar a produção européa.

[...]

Estes paizes, em guerra neste momento, com os mares ocupados militarmente e portos fechados, cessam a importação para viverem das reservas previdentemente acumuladas.

[...]

Este exemplo é apenas para argumentar, no sentido de darmos uma prova material de que a conflagração européa, o mais que poderá provocar nesta ordem de idéas, será, apenas, um deslocamento e novas accommodações do commercio internacional.

Não há razão, portanto, para alarma, antes, ao contrario, cremos não errar affirmando que está chegado o momento histórico do advento do Brazil agrícola.

É possível observar, apesar da notícia acima, que nos dias seguintes, os preços de algumas mercadorias começaram a subir. Assim, mesmo que distante da cidade de Belém a Primeira Guerra Mundial, não deixou de ser alvo dos articulistas e correspondentes de jornais paraenses, e já neste momento, o jornal *Estado do Pará* assim afirmava: “a conflagração europeia trouxe como é natural, em todas as guerras, um conjunto de apreensões, umas naturais e lógicas, outras fantásticas e absurdas”.²³

A eclosão da Guerra na Europa, fez surgir algumas inquietações em determinados grupos da população de Belém, dentre eles está o grupo dos comerciantes, que passaram a aumentar o preço de produtos estrangeiros, com a justificativa de que com o início da guerra seria mais difícil a chegada de produtos estrangeiros às terras paraenses. Diante disso, a *Folha do Norte*, em tom alarmista, afirmava que em poucos meses a população belenense iria passar fome. Tal boato não deixou de incomodar e causou revolta em um

²³ Estado do Pará. Belém 8 de agosto de 1914, p. 2

morador da cidade, o médico Ophyr de Loyola²⁴, que afirmava em uma notícia do jornal *Estado do Pará*, que a perspectiva da fome era “coisa tão irrealizável, como é a quadratura do círculo”.²⁵

Com isso, vemos que já nesses primeiros meses do conflito a guerra vai deixando de ter um caráter apenas informativo de algo internacional, e passa a ser uma certa preocupação em segmentos da população belenense quando os jornais apontam para o fato de que a população iria passar fome, como se pode ver a seguir;

A Guerra austro-servia

Belém na imminência da fome. ---A FOLHA ouviu um comerciante da praça, em condições de se manifestar sobre o assumpto e o que elle diz é profundamente alarmante

O estado actual da nossa praça, em face dos acontecimentos que se estão desenrolando na Europa, é critico. Quem, como nós, percorresse, antehontem, o bairro comercial e se quisesse informar do estado geral da praça, ficaria devéras surpreendido com a alta de preço dos generos de primeira necessidade, preços que de momento a momento se elevam, chegando a cotar-se mercadorias com 50% de augmento sobre o preço comum.

E devéras interessante conhecer-se a opinião de um antigo commerciante que, de bom grado, nol-aexpoz com clareza e sem reburços.

---Se dentro de dois mezes as cousas não tomarem novo rumo, ver-nos-emos a braços com a fome [...] Os gêneros que nós consideramos de 1ª necessidade são, como se sabe, o arroz, a batata, a cebolla, o feijão e o bacalhau. [...]²⁶

Assim, questões como a penúria, o medo da fome, e a relação entre a guerra e o imaginário das pessoas começam a ser fazer presentes. É como se os articulistas comessem a associar a guerra à destruição, penúria, falta de alimentos, fome, pestes, doenças. Voltando-nos para o romance de Remarque o medo da falta de alimentos e da fome é algo sempre muito presente dentre aqueles que se encontravam no *front*. Daí porquê de o autor afirmar pela fala de um dos personagens que:

²⁴ Ophir Pinto de Loyola (1886-1934), médico maranhense formado no Rio de Janeiro e radicado em Belém, ainda que hoje seja somente lembrado como pediatra pioneiro e fundador do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, que posteriormente deu origem ao hospital que leva seu nome. Foi professor de pediatria na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, desempenhou um papel essencial no início do sindicalismo médico no Estado e foi ainda um grande incentivador dos esportes, tendo sido presidente da Federação Paraense de Esportes Náuticos e do Paysandu. Sua participação nas agremiações esportivas foi tão marcante que por ocasião de seu falecimento foram as páginas de esportes que lhe deram maior destaque. MIRANDA, Aristoteles Guilliod; ABREU JR, José Maria de Castro. *Razões do Esquecimento: Em busca dos vestígios do Sindicato Medico Paraense*. Revista Pan Amazônica de Saúde. Vol.6 n.2. jun. 2015. p.11-21.

²⁵ Estado do Pará. Belém 8 de agosto de 1914, p\ 2

²⁶ Folha do Norte. Belém 3 de agosto de 1914, p. 1

Para o soldado, seu estômago e sua digestão são um setor muito mais familiar do que para qualquer outro cidadão. Setenta e cinco por cento do seu vocabulário vem daí, e tanto o sentimento de maior alegria como o da mais profunda indignação têm neles as mais vigorosas expressões.²⁷

Ou seja, mais uma vez o conceito de representações se faz presente, já que, como já dito, as representações para Chartier, são significados construídos pelos indivíduos, e carregadas de interesses, é possível perceber que à guerra foram dados significados e representações diferentes. Significados estes que podem ser encontrados nas páginas de jornais paraenses ou nas páginas de romances como *Nada de Novo no Front*.

Setembro

Com relação ao mês de setembro foi possível observar que as notícias sobre o conflito começaram a se intensificar. Desde o mês de agosto, o jornal *Estado do Pará* já trazia em algumas de suas páginas, notícias do serviço telegráfico. No mês de setembro, porém, observa-se um maior espaço dado a estas. Nos dias 1 e 2 de setembro, as páginas de número 1 são quase que exclusivamente compostas com tais notícias. É como se a população da cidade necessitasse saber o que estava acontecendo em solo europeu, com os jornais da cidade bombardeando seus leitores com notícias internacionais. Diante disso, um redator do Estado do Pará, lamentava que as informações que chegavam até Belém eram poucas e com contradições, e de forma irônica, afirmava: “Chega a ser cômica a nossa situação aqui, neste recanto do mundo procurando compreender a significação dos movimentos militares que nos chegam em notícias escassas e muitas vezes contraditórias”²⁸.

Algo que me chamou a atenção foi o fato de que o jornal *Estado do Pará* tenha se declarado imparcial ao conflito, mas que, neste mês, a maioria das notícias que veiculava, tinham um teor contrário à Alemanha, sendo difícil encontrar uma notícia deste país, diferente do jornal *Folha do Norte*. Como por exemplo; “Berlim, 30 Os jornaes anunciam que o exército alemão, victorioso em toda a linha, estará em poucos dias dentro de Paris”²⁹. Possivelmente, isso se dava por conta das agências de notícias que

²⁷ REMARQUE, op.cit, p.12

²⁸ Estado do Pará. Belém 3 de setembro de 1914, p.1

²⁹ Folha do Norte. Belém 1 de setembro de 1914, p. 3

abasteciam os jornais brasileiros, já que naquele momento, o país era neutro ao conflito. As agências, segundo Sidney Garambone eram a Havas e a Americana.³⁰

Outubro

No mês de outubro, foi possível observar que não houve muitas alterações no modo como a guerra estava sendo apresentada nos jornais. A quantidade de notícias e informações telegráficas continuava ocupando grande parte das folhas dos jornais. Foi possível observar, no entanto, que os cinemas da cidade passaram a exibir filmes sobre a guerra. No dia 1º de outubro, no jornal *Estado do Pará*, já na primeira página, em uma coluna intitulada “*TOPICOS & NOTÍCIAS*”, com o subtítulo “*DIVERSÕES*”, há uma chamada para o filme, “*NO PAIZ DA MORTE*”, exibido no cinema Olympia. Na página 4 deste mesmo dia, explica-se que o filme seria reexibido por conta do sucesso alcançado e pelo número de pedidos. O filme trata de uma “[...] peça dramatica, cuja acção se desenvolve nos campos de batalha da recente guerra dos Balkans”³¹.

No dia 2 este mesmo filme é exibido no cinema Odeon. Um outro cinema da capital paraense, chamado Rio Branco, se vangloria pelo fato de ter conseguido cenas reais do conflito europeu e diz, “Vencendo a todas as dificuldades e não poupando esforços e despesas o preferido cinema Rio Branco acaba de conseguir a primazia obtendo importantes quadros de scenas reaes e verdadeiras da actual guerra européa, os quaes começarão a ser exibidos hoje”³².

Assim é possível entender que a guerra, de fato, aos poucos, estava fazendo parte do cotidiano de segmentos da população, tanto através das notícias de jornais, como por meio dos filmes exibidos nos cinemas. É como se aquela população, de alguma forma vivenciasse aquele conflito que acontecia há milhares de quilômetros, o que é algo impressionante, levando-se em consideração os meios de comunicação daquele contexto.

Além disso, foi possível notar que mesmo em outubro, mês em que acontece uma grande festa religiosa na cidade de Belém, o Círio de Nazaré, as páginas dos dois jornais continuavam a ser compostas em sua maior parte, por notícias da guerra, que continuavam a aparecer na primeira página, ficando as notícias sobre o círio nas páginas posteriores,

³⁰ GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 42

³¹ Estado do Pará. Belém 1 de outubro de 1914, p.4

³² Estado do Pará. Belém 2 de outubro de 1914, p.4

aparecendo na página 1 em pouquíssimos dias como por exemplo, no dia 11, no qual a página 1 é toda composta por informações sobre a celebração, e que contém uma manchete que diz “ FESTA DE NARARETH” “A homenagem annual do povo paraense á sua gloriosa Protectora – Tradição e fé – A Trasladação – O Cirio - Varias informações”³³. Assim, nem mesmo no momento dessa importante festa religiosa que acontecia em Belém, a guerra tão distante da capital paraense, não deixou de fazer presente na vida dos leitores dos periódicos ora aqui trabalhados. Desse modo, não é descabido imaginarmos que os medos da guerra tenham estado presentes nas orações à Virgem de Nazareth.

Considerações finais

As representações desse conflito em meios diferentes continuam a ser reproduzidas sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. O texto ora apresentado não deixa de ser uma dessas formas de se entender a guerra nos seus primeiros momentos. Assim, tomo como referência Ginzburg, quando este autor enfatiza que o verdadeiro deve ser encarado como o ponto de chegada e não o ponto de partida³⁴, ou seja, o fictício também deve ser encarado como fonte, porque “A ficção, alimentada pela história, torna-se matéria de reflexão histórica, ou ficcional, e assim por diante”.³⁵ Então a função do historiador não é acreditar, de início, em tudo o que se está lendo, mas analisar os textos, a fim de que se possa compreender o que está sendo dito ou o que se está querendo dizer.

No verão de 1914, tudo estava apenas começando. Como lembrou (REMARQUE, 2018) no seu *Nada de Novo no Front* “As pessoas não tinham nenhuma ideia do que estava para vir”. A dissertação de Mestrado que pretendo defender sobre a temática da I guerra me parece ser um caminho para se entender o que “estava para vir”. O texto ora apresentado foi tão somente um fragmento deste caminho.

Fontes:

³³ Estado do Pará. Belém, 11 de outubro de 1914, p.1

³⁴ GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros, o verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.14

³⁵ *Ibidem*, p.11

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Jornal Folha do Norte 1914

Jornal Estado do Pará 1914

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, C. R. M. *A Grande Guerra (1914-1918) e os Boletins Semanais de Júlio Mesquita*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.
- CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920)*. Belém: Açaí, 2011 – “Poulação e cidade”.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural – Entre Práticas e Representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.
- GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros, o verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Jornais Paraóaras: Catálogo. – Belém: Secretaria de Estado e Cultura. 1985.
- LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: Faces da sobrevivência (1889-1916)*. Belém: Ed. Açaí/Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/ Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010.
- LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos* In PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*, São Paulo: Contexto, 2006.
- MIRANDA, Aristoteles Guilliod; ABREU JR, José Maria de Castro. *Razões do Esquecimento: Em busca dos vestígios do Sindicato Medico Paraense*. Revista Pan Amazônica de Saúde. Vol.6 n.2. jun. 2015. p.11-21.
- REMARQUE, Erich M. *Nada de novo no front*. – Porto Alegre [RS]: L&PM, 2018
- SARGES, Maria de Nazaré. *Riquezas produzindo a belle époque: (1870-1912)*. 3ª. Ed. Belém: Paka-Tatu, 2010. v. 1.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.